

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES NA EEFD/UFRJ: NOTAS PRELIMINARES¹

Rafael Marques Garcia (1); Erik Giuseppe Barbosa Pereira (2)

(1) Universidade Federal do Rio de Janeiro, rafa.mgarcia@hotmail.com

(2) Universidade Federal do Rio de Janeiro, egiuseppe@eefd.ufrj.br

Resumo: Nas aulas do curso de formação de Educação Física, onde o corpo é a principal ferramenta e está mais exposto nesse processo, percebemos que os estereótipos de gênero e sexualidades ainda são sustentados por premissas heteronormativas. Neste contexto, as relações interpessoais são determinantes no processo ensino-aprendizagem, por estimular nos alunos o desejo de estar presente, participando dessa construção pedagógica e em um clima agradável e sem hostilidade. Sujeitos que não se sintam à vontade em determinados espaços, ou ainda que sejam discriminados ou preteridos em função de alguma peculiaridade, podem vir a apresentar dificuldades maiores neste processo. A partir destas afirmações, o objetivo do estudo foi analisar as relações de gênero e sexualidades na EEFD/UFRJ, buscando responder à seguinte pergunta: de que maneira discriminações e preconceitos influenciam o processo de aprendizagem dos discentes? Através da técnica de observação, posteriormente armazenada em um diário de campo, acompanhamos duas turmas no período letivo de 2015.2. Os resultados giram em torno da corroboração dos estereótipos heteronormativos e sua prevalência nas ações profissionais e pessoais, exercendo grande influência durante o processo de ensino-aprendizagem de futuros profissionais do núcleo em questão. Sugerimos a continuação dos estudos referentes ao tema por entendermos que as relações aluno-aluno são cruciais para uma melhor aprendizagem. Defendemos ainda que os discentes devam ser incentivados a participar de toda e qualquer atividade coletiva de maneira igualitária e sem diferenciações de qualquer ordem, cabendo ao docente atentar-se às condutas que possam despontar em sala para deliberá-las da melhor maneira possível.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem, Educação Física, Relações interpessoais, Relações de gênero, Sexualidades.

Introdução

As interações humanas são (re)construídas através de laços sólidos estabelecidos pelas relações interpessoais e, ao longo da história, cada vez mais a adoção de hábitos favorece este processo e facilita a criação de comunidades e sociedades entre membros humanos, transcorrendo o contato corporal, a escrita, a fala e a leitura, por exemplo, como bem afirmam Mattelart e Mattelart (2012). Vidal (2000) acrescenta que em nenhuma dessas atitudes nos isolamos de interações com demais.

Dentre as interações estabelecidas, o processo de aprendizagem ao qual estamos habituados apresenta um professor que transmite o conteúdo para os alunos. Antunes (2007) lembra que a gerência didática por si só é o primeiro contato interpessoal de suma importância para o processo ensino-aprendizagem, segundo diversos autores (FREIRE, 2011; VEIGA, 2011; LIBÂNEO, 2014). Para Moreno (2008), existem inúmeras relações estabelecidas em uma sala de aula que podem ser definidas por raça, gênero, afinidade, entre outros.

¹ Este estudo é um recorte de uma dissertação de mestrado em andamento e parte integrante de um artigo maior já aceito por um periódico nacional.

No que se refere às relações de gênero, Scott (1995) e Louro (2010) afirmam que sua formulação advém a partir da construção das diferenças sexuais que opera como um princípio de hierarquização e (re)produção das relações de poder estabelecida entre homens e mulheres. A partir desta afirmação, podemos estabelecer uma analogia com a representação dos corpos nas diversas esferas sociais, onde se manifestam estereótipos heteronormativos para ambos os gêneros.

Para Foucault (1988), essas convenções exercem um dispositivo histórico construído ao longo dos anos a partir dos discursos doutrinadores sobre o sexo que atuam como modeladoras sociais dos corpos e suas sexualidades, onde o heterossexual é tido como o modelo natural e unicamente legítimo e válido, entretanto não se sustenta por si só e precisa de um constante processo de autoafirmação, vigilância e (re)consolidação constante de normas e valores coercitivos.. Gênero, neste contexto, faz parte de uma construção histórico-cultural sobre uma identidade social que compõe a sexualidade humana juntamente de outros aspectos. Para Louro (2010), o intuito dessas organizações é constituir grupamentos sociais e mecanismos reguladores de valores morais.

Ao reconhecer os fatores supracitados, podemos destacar a influência que exercem no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Vidal (2000) e Torres, Alcantara e Irala (2004) afirmam que as relações interpessoais são determinantes no processo ensino-aprendizagem, por estimular nos alunos o desejo de estar presente, participando dessa construção pedagógica e em um clima agradável e sem hostilidade. Para Vidal (op.cit.), sujeitos que não se sintam à vontade em determinados espaços, ou ainda que sejam discriminados ou preteridos em função de alguma peculiaridade, podem vir a apresentar dificuldades maiores neste processo.

Entendemos que em função do sistema heteronormativo, condutas discriminatórias possam se manifestar, por exemplo, através da homofobia, entendida por Louro (idem) como o medo do que destoa da heterossexualidade tendendo às condutas homossexuais. Atua como “[...] um importante obstáculo à expressão de intimidade entre homens. É preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o macho” (LOURO, 2010, p. 28). Ainda segundo Louro (1998), a heteronormatividade impõe-se majoritariamente sobre o público masculino e desencadeia a homofobia como conduta de defesa e sustentação da masculinidade heteronormativa.

Essas constatações são mais agravantes quando ocorridas em cursos superiores de graduação. No entendimento de Araújo (2012), o espaço

universitário está munido de recursos potentes para atender às necessidades sociais que estão e envolvem constantes transformações complexas e profundas, de modo a atualizá-la às necessidades da atualidade, tanto em organização estrutural e arquitetônica quanto aos relacionamentos sociais. Numa época em que as questões de gênero são discutidas a pico na sociedade brasileira, tais comportamentos discriminatórios parecem retardar o que denominamos como avanços e conquistas atuais referentes à temática.

Ao que tudo indica, nas aulas do curso de formação de Educação Física da UFRJ, os docentes utilizam-se de metodologias variadas para a transmissão do conteúdo referente às suas disciplinas, contribuindo para a construção dos saberes e opiniões dos discentes. Neste espaço, o corpo se apresenta como principal ferramenta de aprendizagem e está mais exposto nesse processo, onde expressa através da linguagem corporal sua(s) própria(s) sexualidade(s).

A partir destes processos, objetivamos analisar as relações de gênero e sexualidades na EEFD/UFRJ, buscando responder à seguinte pergunta: de que maneira discriminações e preconceitos influenciam o processo de aprendizagem dos discentes?

Metodologia

A partir do objetivo formulado, o método que melhor atendeu às nossas expectativas foi de natureza qualitativa (TRIVIÑOS, 2015) e de caráter etnográfico (GAYA, 2008). A etnografia “propõe-se a descrever suas crenças, valores, perspectivas, motivações e o modo como tudo se desenvolve ou se transforma dentro do grupo e desde a perspectiva de seus membros” (idem, p. 101), onde segundo André (2008), faz-se uso de um esquema de pesquisa maleável, onde os itens a serem observados são frequentemente revistos, as técnicas para coleta são reavaliadas e os instrumentos e aporte teórico são reformulados visando à descoberta de novas correlações entre conceitos e entendimento da realidade.

Sendo nossa amostra do tipo acidental Gaya (2008), concentramo-nos nos alunos devidamente inscritos na disciplina de Fundamentos do Voleibol² do curso de licenciatura durante o segundo semestre de 2015. Assim compuseram esta amostra: duas turmas, a EFB composta de 11 alunos (9 homens e 2 mulheres) e; a EFC com 16 alunos (10 homens e 6 mulheres), contabilizando 27 alunos.

² Optamos por esta disciplina uma vez que interações pessoais entre os pares são fundamentais para a boa consecução do objetivo proposto pela modalidade (BOJIKIAN; BOJIKIAN, 2008).

A coleta de dados foi realizada nas dependências da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ e, de posse do TCLE³, os 56 encontros (28 para cada turma) foram acompanhados através da técnica de observação participante e imediatamente registrados em um diário de campo⁴. O instrumento de coleta de dados foi a técnica de observação participante utilizando um roteiro semiestruturado⁵, posteriormente armazenado em um diário de campo.

Em nossa pesquisa atuamos na forma de observação participante, uma vez os autores do estudo participaram das aulas, sem, no entanto, interferir nas ações dos discentes para favorecer ou não a pesquisa. Limitamo-nos a observar as aulas a partir do consentimento do professor dessa disciplina, focando nossos estudos nas relações interpessoais dos alunos sem incluir nesse processo o papel de educador daquele que está à frente do processo de organização e planejamento. Claro que o professor tem um papel crucial aqui. Incluí-lo é, neste momento, aumentar o leque de observações que poderiam tornar nossa observação complexa demais para ser analisada. Em nossa pesquisa, queremos compreender as relações interpessoais dos iguais, ou seja, dos alunos de Educação Física, sem, contudo, desmerecer o papel do professor nesse processo. A complexa rede que se estabelece está ajustada aqui para observar os alunos. Essa foi nossa escolha metodológica.

Para analisar os diários, utilizamos a técnica de análise de conteúdo. Esse tipo de análise, à luz de Richardson (2008), busca descrever o estudado conforme sua estrutura: os símbolos nele empregados, as palavras utilizadas, bem como temas, expressões e frases, de modo a verificar suas tendências. Para Bardin (2011), esse processo se divide em 3 etapas, a seguir: pré-análise, descrição analítica e interpretação referencial. Na fase da pré-análise, o pesquisador seleciona o que será submetido à análise e formula as hipóteses dos objetivos bem como os indicadores que sustentam sua interpretação; na descrição analítica, todo o material selecionado na etapa anterior é estudado minuciosamente conforme as hipóteses estabelecidas e em acordo com o referencial teórico para promover a codificação, a categorização e a classificação das informações; na interpretação referencial, o pesquisador aprofunda sua análise de modo a atingir os resultados mais pertinentes da pesquisa (BARDIN, 2011).

³ Foi informado aos alunos que apesar de estarem inscritos na disciplina, nenhum dado coletado teria impacto em suas notas finais.

⁴ Vale lembrar que as interações nos intervalos entre as aulas também foram registradas.

⁵ Condutas, atitudes e discursos que aproximam os discentes entre eles; condutas, atitudes e discursos que distanciam os discentes entre eles; demais acontecimentos relacionados ao tema que vierem a surgir.

Resultados

A fim de favorecer uma melhor compreensão, agrupamos as observações em categorias que se repetiram com mais frequência e utilizamos as seguintes configurações: 2 episódios de categorias de análise distribuídas em 9 cenas constituintes dessas análises, observadas em 2 cenários: o ginásio esportivo (GE) para aulas práticas; e a sala de aula teórica (SA). Sendo assim, nossos episódios foram: 1- as relações de gênero e; 2- a(s) sexualidade(s), ambos dialogando intimamente entre si.

Episódio 1 – Relações de Gênero

A partir da concepção de gênero como construção das diferenças sexuais que opera como um princípio de hierarquização e (re)produção das relações de poder estabelecida entre homens e mulheres (SCOTT, 1995; LOURO, 2010), podemos estabelecer uma relação com a representação dos corpos nas diversas esferas sociais. Essa construção cria estereótipos para ambos os gêneros conforme as práticas culturais, auxiliando na construção de corpos conforme modelos “estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos” (LOURO, 2010, p. 9). Para a autora, esse processo se dá através das constantes repetições de condutas, cuidados, exercícios e demais marcadores de identidades, numa espécie de adestramento que possibilita a classificação de sujeitos pela forma como se expressam corporalmente.

As cenas que compõem este episódio revelam as diferentes nuances entre os corpos que são estabelecidas conforme os gêneros e suas atribuições.

Cena 1, de 17/11/2015 – Cenário: Ginásio Esportivo (GE) – Tema: Pique-pega

Durante a aula para ambas as turmas, o professor sugeriu atividades aos alunos que geravam um processo de interação obrigatório. Em determinados exercícios, ditos de aquecimento, uma das atividades propostas foi o pique-cola, onde um pegador, ao tocar um aluno, colava-o, devendo outro aluno tocá-lo para descolá-lo. Nesta atividade a preferência para “colar” era destinada ao público feminino, uma vez que este se apresentava como alvo mais fácil. Algumas regras, portanto, foram sugeridas pelo docente, dentre elas a seguinte, um aluno poderia escapar de ser pego desde que oferecesse o colo a outro aluno, tornando-se ambos imunes naquele momento. Esta variação revelou que os homens dificilmente ofereciam o colo a outro homem, preferindo correr para escapar. Já as mulheres ofereciam o colo entre seus pares e ganhavam-no mais facilmente do público masculino.

Cena 2, de 12/01/2015 – Cenário: Sala de Aula (SA) - Tema: Camila Brait

O monitor da disciplina ministrou uma aula de caráter teórico que consistia em uma revisão sobre os fundamentos até então estudados e suas

abordagens características, bem como a apresentação de vídeos para facilitar a assimilação do conteúdo. Na turma EFB, um fato chamou a atenção durante a transmissão dos vídeos, onde a atleta Camila Brait, líbero da seleção brasileira, realizava um determinado gestual técnico de voleibol e um dos alunos, D.J.⁶, ao assistir, comentou com seus colegas próximos: “Gostosa!”. Alguns riram, outros não esboçaram reação.

Cena 3, de 28/01/2016 – Cenário: GE - Tema: Arranca-rabo

Um grupo da turma EFC estava responsável por ministrar uma aula e, no início da mesma, propôs-se como aquecimento a atividade “arranca rabo”. Cada aluno recebeu uma tira de jornal devendo posicioná-la na altura da cintura às costas, tendo por objetivo protegê-la e devendo coletar o máximo de tiras alheias. Alguns alunos homens se mostraram constrangidos com a proposta e, ao invés de posicionarem a tira no local solicitado, posicionaram-na na parte lateral da coxa, já as mulheres não demonstraram nenhum incômodo. Na atividade, alguns discentes adotaram técnicas ofensivas, já outros buscaram se defender das investidas alheias e outros ainda esconderam sua tira ao encostar-se à parede. Neste último citado, a aluna L.S. reproduziu essa conduta e veio a ser alvo de sua amiga C.L. que, através de uma interação corporal muito próxima, tentou coletar a tira da colega, obtendo êxito após a desistência da primeira em sustentar-se à parede. Esta cena chamou a atenção de alguns alunos homens, que a observaram com muito enfoque.

Cena 4, de 23/02/2016 – Cenário: GE - Tema: Alvo feminino

Durante a realização da atividade pique-alto na turma EFC, mais uma vez evidenciamos que os alunos tiveram preferência em selecionar mulheres como “alvo”, uma vez que se mostravam menos ágeis que os homens e estes preferiam muito mais fugir a subir no banco, que nesta atividade funciona como espaço de imunidade.

Episódio 2 – Sexualidade(s)

A sexualidade pode ser compreendida como um dispositivo histórico construído ao longo dos anos a partir dos discursos doutrinadores sobre o sexo (FOUCAULT, 1988). É a construção histórico-cultural sobre várias identidades sociais, dentre elas a sexual, de gênero, de raça, classe, etc., de modo a constituir grupamentos sociais conforme mecanismos reguladores de valores morais (LOURO, 2010). Ela é crucial no desenvolvimento psíquico das pessoas, pois relaciona-se com uma das necessidades mais fundamentais do ser humano, o prazer (OLIVEIRA, 2004).

⁶ Para resguardar a identidade dos alunos, utilizaremos apenas as iniciais de seus nomes.

Os episódios aqui presentes indicam que as normas de gênero impostas para ambos os sexos são notórias e sustentam-se em premissas discriminatórias que se manifestam sutilmente.

Cena 1, de 17/11/2015 – Cenário: GE - Tema: O pegador

Durante a realização do pique-cola na turma EFC, um aluno de Licenciatura em Dança, V.O., declaradamente homossexual e cursante da disciplina por livre opção, ao receber a notícia de que um determinado aluno seria o pegador, deixou escapar um leve comentário: “Hm, o pegador...”, suspirando em seguida. Neste momento, tanto alunos homens como mulheres se entreolharam, deixando escapar comentários como: “Gente, mas é assim, é?”, “Nossa, na cara dura...”, entre outros, e apresentando diversas manifestações corporais que variaram desde risos a olhares maliciosos, além de cochichos inaudíveis – tais ações insinuavam um interesse da parte deste aluno ao outro dito pegador. Elas cessaram à medida que a atividade foi se desenvolvendo.

Cena 2, de 01/12/2015 – Cenário: intervalo entre as turmas (GE) - Tema: “Gato”

Em um determinado momento da aula na turma EFC, após a realização de um rodízio entre alunos na atividade, um dos discentes, A.B., mostrou-se ligeiramente desconfortável em realizar a atividade com o colega V.O., homossexual, que se apropriou do adjetivo “gato” para se dirigir à ele – essa percepção se deu através de sorrisos nervosos do dito aluno, além da contração dos músculos faciais no momento que ouvia determinado termo. Ao que tudo indica, realizar a atividade com este colega foi perturbador para A.B.

Cena 3, de 15/12/2015 – Cenário: GE - Tema: Depoimento de V.O.

Em conversa informal com o professor logo após o término da aula, o aluno V.O. revelou suas considerações sobre a turma. Disse que no começo houve certo estranhamento por parte dos demais quanto à sua presença, mas apenas num momento inicial, onde posteriormente os alunos se mostraram acolhedores e favoreceram esse processo de socialização. Ainda segundo V.O., seu processo de acolhimento foi favorecido pelo próprio voleibol, por este ser de caráter mais coletivo que o futebol e também por ser um esporte mais tolerante às desigualdades de um modo geral. Ressaltou, ainda, que acha muito válida a oportunidade de vivenciar uma nova abordagem sobre o corpo humano para além da dança, enaltecendo a forma como o professor conduz a disciplina e trabalha os campos biopsicossociais dos alunos.

Cena 4, de 05/01/2016 – Cenário: GE Tema: Dar as mãos

Na turma EFC, durante uma atividade dita de volta à calma, a aluna F.C. apresentou uma dinâmica em círculo, onde um aluno encontrava-se vendado e os demais cantavam uma música, ao término da mesma, outro aluno emitia o som de um gato ao miar, devendo o primeiro citado descobrir quem havia emitido determinado som. No momento de se posicionar em círculo, os alunos deveriam dar as mãos. O aluno M.S. notou que, ao seu lado, o aluno V.O. havia lhe estendido o braço, porém reagiu da seguinte forma: fingiu não ter visto, lançando o olhar ao longe e aguardando que outro aluno se posicionasse entre ele e V.O., evitando assim seu contato físico com o referido colega. Convém ressaltar que M.S. se autodeclara heterossexual e V.O., homossexual.

Cena 5, de 23/02/2016 – Cenário: GE - Tema: “Viadinho”

Na última atividade da aula em EFB, realizou-se um minijogo, marcado pela descontração da turma. Sem se preocupar muito com a técnica, os alunos passaram a realizar os movimentos de forma “relaxada” e descontraída, divertindo-se com os erros dos demais e marcações de pontos tantos a seu favor como contra. Neste contexto, o aluno D.J. chegou a caçoar de J.A. após determinado gesto, dizendo “É muito viadinho...”. Dito através de risos, gerou mais risos dos demais.

Discussão

Nos episódios analisados, percebemos indicadores que convergem com as construções sociais através das diferentes condutas pelas partes envolvidas. No que se refere à aprendizagem, Carvalho (2009, p. 94) em seu estudo sobre escola infantil, aponta a existência de uma construção generificada, onde “os meninos devem se afastar ao máximo dessa forma de ser e estar no mundo considerado feminino”. Ainda segundo a autora, a eles são ensinados que é normal serem agitados e agressivos, enquanto que à elas restam-lhe os papéis de submissão, delicadeza e bons modos sob pena de insucesso na vida (CARVALHAR, 2009). Connell (1995) acrescenta que a construção das masculinidades se dá através de certas características, como o uso exibicionista da força e a exaltação poderosa de sua sexualidade, onde ser taxado como frágil ou emocional, características ditas femininas, é uma configuração denegrada da honra e dignidade de qualquer homem.

De modo geral, percebemos que mesmo em atividades lúdicas, os alunos homens estão sempre em busca de reforçar suas masculinidades, como bem relata Connell (1995), e utilizam-se de diversos mecanismos para tanto, como a agilidade e a fuga, por exemplo. Outra maneira surge através da homofobia, entendida por Louro (2010)

como o medo do que destoa da heterossexualidade tendendo às condutas homossexuais. Atua como

[...] um importante obstáculo à expressão de intimidade entre homens. É preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o macho (LOURO, 2010, p. 28).

O toque entre os pares masculinos cruza a linha da heteronormatividade, tornando-se perigoso e devendo ser vigiado, controlado e, se possível, evitado, o que justifica a preferência dos mesmos em manter contato corporal com as mulheres.

Sustentam, ainda, um olhar superior quando comparados a elas, revelando uma hierarquia dos gêneros (SCOTT, 1995; LOURO, 2010), principalmente nas atividades de piques, sendo elas as escolhidas na maioria das vezes como “alvo”. Chama a atenção, também, a forma como observam e reagem ao corpo feminino, sendo através de adjetivos ou de olhares maliciosos. Para Connell (1995) e Louro (2010), mais uma tentativa de comprovar a masculinidade heterocompulsória.

Butler (2006) afirma que as normas de gênero constituem padrões de modos diferentes entre homens e mulheres, entretanto existe a (re)produção das anormalidades daqueles que não se enquadram nesses modelos. Essa assertiva embasa o cenário desta pesquisa que trata das sexualidades, onde sua regulação mostra-se conectada ao gênero e de formas diferentes para homens e mulheres.

Pelo exposto, percebemos que existem condutas diferentes replicadas pelos pares. Segundo Louro (1998), a heteronormatividade impõe-se majoritariamente sobre o público masculino e desencadeia condutas de defesa, como a homofobia por exemplo. Nessa configuração, realizar determinado gestual durante o jogo pode não ser característico de um homem, evidenciado na cena entre J.A. e D.J., onde este se utiliza do sarcasmo para insinuar a homossexualidade do primeiro através do termo pejorativo “viadinho”.

Ademais, realizar atividades com um homossexual, neste caso V.O., apresenta uma clara ameaça ao corpo heterossexual, o que justifica o desconforto e as atitudes ridicularizantes por parte de seus colegas, inclusive do público feminino, que também se apropria das normas heteronormativas. Para Foucault (1988), tais normas atuam como modeladoras sociais dos corpos e suas sexualidades, onde o heterossexual é tido como modelo naturalizado e unicamente legítimo e válido, entretanto não se sustenta por si só e precisa de um constante processo de autoafirmação, vigilância e (re)consolidação constante de normas e valores coercitivos.

Ainda, cabe atentar-se para o discurso teórico e prático apresentado pelos futuros docentes em questão, uma vez que possuem grandes possibilidades de emergirem em suas práticas docentes de modo a contribuir com uma Educação Física generificada, preconceituosa, discriminatória e excludente.

Considerações finais

Os resultados mais impactantes revelam que nas disciplinas de formação em licenciatura da EEFD, existem segregações pré-estabelecidas conforme as categorias emergentes no estudo. Encontramos fortes indícios de que as diferentes manifestações de gênero e de sexualidades interferem diretamente no processo de sociabilização entre os mesmos.

Pelo apresentado, podemos concluir que as relações interpessoais atuaram no processo de ensino-aprendizagem dos alunos na disciplina de Fundamentos do Voleibol, uma vez que inferimos a existência de ambientes acolhedores e outros hostis para com determinados públicos. Para Moscovici (2008) o relacionamento interpessoal enquanto harmonioso e prazeroso estimula uma maior participação dos alunos e vontade de aprender, já quando de forma tensa e conflitiva, tende o aluno a um desempenho pífio decorrente da insatisfação por estar presente.

Convém ressaltar que as situações observadas e analisadas poderiam ser constatadas em outras áreas do conhecimento do ensino superior brasileiro que não de Educação Física. Embora outros contextos possam oferecer o mesmo tipo de ocorrência, é durante as aulas práticas que os corpos estão expostos e colocam-se em jogo, favorecendo um amplo leque de manifestações diferentes de uma sala de aula regular de ensino eminentemente teórico.

Por fim, sugerimos a continuação dos estudos referentes ao tema por entendermos que as relações aluno-aluno são cruciais para uma melhor aprendizagem. Defendemos ainda que os discentes devam ser incentivados a participar de toda e qualquer atividade coletiva de maneira igualitária e sem diferenciações de qualquer ordem, cabendo ao docente atentar-se às condutas que possam despontar em sala para deliberá-las da melhor maneira possível.

Referências

- ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e auto-estima: a sala de aula como espaço do crescimento integral**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ARAÚJO, Alexandre Garcia. Ensaio sobre a universidade e sua função social. **Filosofando: revista de filosofia da UESB**. Ano 1, n. 1, jul./dez., 2012, pp. 38-47.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

- BOJIKIAN, João Crisóstomo Marcondes; BOJIKIAN, Luciana Perez. **Ensinando voleibol**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.
- BUTLER, Judith. **Deshacer el Género**. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- CARVALHAR, Danielle Lameirinhas. **Identidades generificadas no currículo da educação infantil: entre princesas, heróis e sapos**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n.º 2, p. 184-206, jul./dez, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**, v.1: A vontade de saber. Graal ed. 14 ed. Rio de Janeiro, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011. 2ª impressão da 43ª edição.
- GAYA, Adroaldo. (Org.). **Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas Exigências Educacionais e Profissão Docente**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. Segredos e Mentiras do Currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz. **A Escola Cidadã no Contexto da Educação Globalizada**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 33-47.
- _____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (orgs). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-35.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- MORENO, Jacob Levi. **Quem sobreviverá?: fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama: edição do estudante; tradução Moysés Aguiar; revisão técnica Mariana Kawazoe**. São Paulo: Daimon–Centro de estudos do Relacionamento, 2008.
- MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo**. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- TORRES, Patrícia Lupion. ALCANTARA, Paulo R.; IRALA, Esrom Adriano Freitas. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.13, p.129-145, set./dez. 2004.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. O positivismo; a fenomenologia; o marxismo**. Atlas, 2015.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Coord.). **Repensando a didática**. 29. ed. Campinas: Papirus, 2011. 159 p.
- VIDAL, Dione Estrela. **A necessidade da prática da criatividade e da melhoria dos relacionamentos interpessoais no processo ensino-aprendizagem: um estudo de caso**. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.